



## Cultura Corporal como discurso pedagógico dominante e contraditório da Educação Física

Nunes, M.L.F.

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, Brasil.

Desde o final dos anos 1980, a expressão cultura corporal ganha forças nas diversas propostas curriculares da Educação Física, tanto na educação básica como na superior, tornando-se um discurso pedagógico hegemônico no componente. Estabelecida mediante o diálogo da área com as Ciências Humanas e com as produções das teorias críticas e, mais recentemente com as teorias pós-críticas em educação, o termo tem atravessado as práticas docentes, sofrendo ressignificações em um jogo permanente de luta pelo controle do seu sentido. Hoje, é possível observar sua presença na maioria das propostas oficiais elaboradas pelos estados, municípios e pela Federação (BNCC), assim como é maciça a sua presença na literatura da Educação Física. O que se percebe é uma variedade de definições, muitas vezes expressas em confusões epistemológicas, além de divergências entre as formulações teóricas apresentadas nesses textos e as orientações didáticas decorrentes. Nesse quadro, investigamos o modo como professores egressos atribuem sentido e dão vida ao termo nas escolas e de que modo essa produção se articula com os significados de cultura corporal que acessaram no currículo da formação inicial. Inspirados na bricolagem como fundamento para a pesquisa, realizamos, em um primeiro momento, entrevistas narrativa com cinco professores formados na mesma instituição de ensino superior e que atuam em segmentos diversos da educação básica. Em um segundo momento, realizamos um grupo de discussão com quatro dos colaboradores, tomando por foco os usos e sentidos que fazem do termo. Os dados produzidos foram submetidos à análise mediante a noção de discurso pedagógico e confrontados com a teorização curricular da Educação e da Educação Física. Tomamos, ainda a noção de governamentalidade, entendida como a arte de governo de si e dos outros, a fim de compreendermos o modo como os professores se vêem e se governam enquanto docentes assujeitados a esse discurso. Os resultados produzidos indicam que os docentes apresentam significados limitados do termo; realçam a dicotomia teoria/prática; promovem uma prática pedagógica não-crítica, porém discursada como crítica e com a predominância de uso de aspectos funcionais para o desenvolvimento de habilidades motoras, aprendizagem de alguma prática corporal e/ou promoção da saúde em detrimento das questões simbólicas que o termo produz, aproximando-se da noção presente em muitas propostas oficiais, como as do PCN. Percebemos, também, que o que os docentes produzem e enunciam a respeito da expressão cultura corporal é similar aos discursos que acessaram na formação inicial. Nesse caso, enfatizam que a metodologia crítico-superadora é hegemônica nas disciplinas que tratam das questões específicas da escola, e que o termo está presente nas disciplinas que apresentam a pedagogia dos esportes e das demais práticas corporais. O resultado tem sido a fragilização dos aspectos transformadores que a expressão cultura corporal carrega.

Apoio FAPESP.

E-mail: [mario.nunes@fef.unicamp.br](mailto:mario.nunes@fef.unicamp.br)